

## O QUE É SER MULHER NA CONTEMPORANEIDADE?

Vanessa Nascimento Machado<sup>1</sup>

WHAT IS IT TO BE A WOMAN IN CONTEMPORARY SOCIETY?

**Resumo:** Neste artigo, faço uma reflexão que enfoca a condição da mulher/ de ser mulher na sociedade atual a partir da leitura de alguns teóricos como: Moita Lopes, Guacira Louro, Agambem, Bell Hooks, Silvano Santiago, que abordam as questões da contemporaneidade, da escuta aos marginalizados da Teoria *Queer*, à transgressão das fronteiras de modo geral (na vida, na educação, da normatização, da conceituação de normas e condutas). Teorias que auxiliam a problematizar as imbricações de poder, diferença e desigualdade, teorias que trazem uma interrogação sobre a modernidade. Para além da utilização das teorias, procuro refletir a situação da mulher no mundo contemporâneo utilizando minha percepção como mulher que se encontra inserida no mercado de trabalho, que utiliza “dispositivos” e que busca conhecimento, de forma a poder construir uma discussão de modo situado. Coloco a mulher em situação de marginalidade. A questão contemporânea engloba a reinvenção da vida social, as formas de produzir conhecimento, além de colaborar para que se abram alternativas sociais com base na e com as vozes dos que estão às margens.

**Palavras-chave:** contemporâneo; modernidade; mulher

**Abstract:** This article is a reflection upon the condition of women/ of being a woman in contemporary society according to some theorists such as: Moita Lopes, Guacira Louro, Agambem, Bell Hooks, Silvano Santiago; addressing questions of contemporaneity, listening to the marginalized, Queer Theory, transgression of frontiers “generally speaking” (in life, in education, of normalization, of conceptual norms and conducts). Theories which point issues such as imbrication of power; differences and inequality and put forward questions about modernity). Beyond the utilization of the theories, this is a reflection about the situation of women in the contemporary world; utilizing my perception as a woman in the workforce, who utilizes ‘devices’ and seeking knowledge, as a way of constructing a situated way of discussion. Women are placed in a situation of marginality. The contemporary question of reinvention social life; of forms of producing knowledge, besides collaboration towards the opening of social alternatives based on, and containing, the voices of those who are on the margins.

**Keywords:** contemporary; modernity; women

---

<sup>1</sup>Mestranda no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural Uneb/Campus II Alagoinhas, BA.  
E-mail: machado.vanessa@yahoo.com.br

Ser mulher nos tempos atuais, em pleno século XXI, com tantos adventos tecnológicos e científicos, não nos garante vivenciar o dia-a-dia de forma igualitária ao homem. A nossa sociedade é regida por um sexismo que está enraizado; ao homem ainda cabe a visão de provedor do lar, e à mulher, o papel de boa esposa e dona de casa.

Posso afirmar com Santos (2012, p. 155) que “o lugar de onde vivencio as minhas experiências me é aquele que secularmente nos tem oferecido à paisagem desigual, racista e sexista da nossa sociedade”.

Assim como o racismo, o sexismo está presente há tempos em nossas vidas, reforçando o binarismo homem/mulher e a cultura machista que é dominante e impede que mulheres vivenciem por direito a busca de igualdade sexual, no mercado de trabalho, na conduta social de modo livre e espontâneo.

Precisamos aliar nossas forças na busca da transformação, no reconhecimento de quem somos (nós, mulheres), como nos vemos e o outro com o qual nos relacionamos.

### **A contemporaneidade e suas práticas discursivas**

Ano 2015, século XXI, tempo caracterizado pelos desenvolvimentos tecnológicos, pela era da internet, das máquinas (smartphones, tablets, notebooks), dos sistemas de comunicação cada vez mais informatizados, das mídias e do consumismo desenfreado e valorizado pelo capitalismo. Para Agambem (2009, p. 40), os dispositivos utilizados na contemporaneidade são “qualquer coisa que tenha de algum modo à capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”.

Além da caracterização da contemporaneidade pelo uso dos dispositivos, também a caracterizamos por ser um tempo que faz reflexão contínua sobre si mesmo, se repensa insistentemente, acarretando profundos questionamentos sobre a vivência social atual e tentando explicar as mudanças que vivemos.

Lopes (2006, p. 86) traz que muitos teóricos contemporâneos como Pennycook, Fabrício e Nelson, entre outros têm “uma preocupação com as novas teorizações calcadas em novos modos de entender a vida social com base em críticas à modernidade”, tal projeto envolve a concepção de uma coligação anti-hegemônica que está na base da criação de um novo pluriversalismo. Desafiando a globalização, o capitalismo, o

ocidentalismo, o pensamento único.

Pensando assim, Louro (2004, p. 40 e 47) afirma que a Teoria *Queer* também pode ser vinculada às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo por problematizar noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência, de identificação, dando sentido às sociedades contemporâneas, permitindo novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação.

Notoriamente faz parte da contemporaneidade a desconstrução de normas, condutas, conceitos, valores pré-determinados indo de encontro com a modernidade que valoriza o uso dos dispositivos e endeusa o consumo e a mídia como se eles construíssem quem somos, como pensamos e agimos. Ao capitalismo se deve o uso dos dispositivos que leva a desubjetivação do sujeito individual, tornando-o um sujeito espectral, constituído como um corpo social dócil e frágil, que inconscientemente é controlado e, por conseguinte, passa a atuar como máquina regida pelas estruturas governamentais (AGAMBEM, 2009).

Ainda, de acordo com Agambem (2009), a existência dos dispositivos tornou-se algo essencial para o ser humano, mas a contemporaneidade deve questionar o uso dos dispositivos, questionar a postura inerte que mantemos enquanto reféns dos dispositivos; discutir para nos tornarmos sujeitos capazes de impedir a desubjetivação. É necessário perceber a existência desses mecanismos, enxergar as partes obscuras que eles emitem e saber delimitar o seu uso, o que acarretará na renovação ou reinvenção de nossa existência, reinvenção da emancipação. Para Lopes (2006, p. 95):

o conceito de emancipação social aqui é diferente de sua compreensão na modernidade e no processo de ocidentalização, porque incorpora os diferentes grupos marginalizados (pela classe social, sexualidade, gênero, raça, etc.), [...] se trata de construir a compreensão da vida social com eles em suas perspectivas e vozes, sem hierarquizá-los.

Ainda, conforme, Lopes (2006), a linguística aplicada contemporânea se articula como essencial e se aproxima das áreas que focalizam o social, o político e o histórico. Ele organiza a discussão para o profissional contemporâneo que atua nesta área em quatro pontos: ser híbrido ou mestiço; relacionar teoria e prática, ouvir os marginalizados e ser uma área em que a ética e poder são pilares. Ao tomar as ideias do autor, considero que os quatro pilares apontados devem permear não só a linguística apli-

cada como qualquer outra área do conhecimento na contemporaneidade. Para qualquer profissional, em qualquer área, reinventar, renovar, emancipar, é necessário atuar de forma mestiça, relacionando teoria com prática, ouvindo e fazendo ouvir os marginalizados, tudo dentro da ética.

### A Teoria *Queer* e outras vozes

O ato de nomear o corpo de um bebê como de menina ou menino faz com que o sujeito se comprometa, em um processo de legitimação, a obedecer às normas que regulam sua cultura, inaugurando, assim, um processo de feminização ou masculinização com o qual o sujeito se compromete e inevitavelmente instaura a posição binária mulher/homem, pois

Definir alguém como homem ou mulher, como sujeito de gênero e de sexualidade significa, pois, necessariamente, nomeá-lo segundo as marcas distintivas de uma cultura – com todas as consequências que esse gesto acarreta: a atribuição de direitos ou deveres, privilégios e desvantagens... ganham um valor que é sempre transitório e circunstancial. A significação que lhes atribui é arbitrária, relacional e é também disputada... normas regulatórias de gênero e de sexualidade precisam ser continuamente reiteradas e refeitas. (LOURO, 2004, p. 89).

A Teoria *Queer* é justamente a oposição a esse binarismo feminino/masculino, a essa nomeação dos corpos e suas normas regulatórias. “*Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina” (LOURO, 2004, p. 8). Na contemporaneidade, ser *Queer* é fazer parte das minorias, dos marginalizados.

Na visão de Santiago (2002) e Lopes (2006), as minorias estão tendo outras e mais fortes possibilidades de se fazerem ouvir. Há uma nova expectativa com relação aos marginalizados históricos do multiculturalismo da classe dominante do passado, eles estão se manifestando por uma atitude mais cosmopolita, mais multiculturalista.

O multiculturalismo é um fenômeno que vem ocorrendo atrelado ao caráter transcultural do mundo contemporâneo, promovendo discussão acerca da identidade no jogo de tensão com as forças hegemônicas. Ele resgata os grupos étnicos e sociais, índios, mulheres e negros, buscando a convivência e o diálogo entre as diferenças ao invés da homogeneização das partes, de acordo com Santiago (2002).

Desconstruir discursos e referências rígidas,

eleger outros e novos espaços em confronto com a norma estabelecida, buscar em uma “segunda camada” de referência, aqueles e aquilo que ficaram soterrados ou à margem em virtude das relações de dominação e poder. Como afirmou Bell Hooks (2013), transgredir como prática de liberdade; a transgressão é vista como ato de resistência e empoderamento, significando abrir nossas mentes para conhecer o que está além das fronteiras. Isto é *Ser Queer* (grifo meu).

### O que é ser mulher na contemporaneidade

Para Moita Lopes (2006), os que estão à margem são os pobres, favelados, os negros, indígenas, homens e mulheres homoeróticos, mulheres e homens em situação de dificuldades sociais, entre outros.

Ao iniciar a discussão sobre a percepção da mulher na contemporaneidade, a partir do entendimento de Moita Lopes, ressalto que a mulher, independente da situação, compõe o grupo de pessoas que estão à margem e não apenas as mulheres que estão em situação de dificuldades sociais, como diz o autor. Coloco isso baseada em minha vivência como mulher, inserida no mercado de trabalho, na sociedade machista e capitalista e buscando aprimoramento científico. Percebo em minha experiência profissional como sexóloga, que é constituída por desafios e questionamentos a respeito do meu papel nesta área de atuação. Questionamentos oriundos das pessoas devido ao fato de ser mulher e estar livremente falando sobre sexo, questionamentos sobre a minha formação profissional na área da Enfermagem; questionamentos esses imbuídos de preconceitos e discriminação por ser uma profissional “não médica”.

A enfermagem é considerada opção de escolha profissional de mulheres e/ou daquelas pessoas que não conseguiram fazer medicina. Claramente considerada uma classe inferior e subordinada à medicina, a(o) enfermeira(o) é para servir ao médico(a). A própria história da Enfermagem traz a mulher como aquela que é a responsável pelo cuidado dentro da família, é ela quem possui atributos para tal como dedicação, abnegação, delicadeza, capaz de executar trabalho manual e não intelectual, características “ditas” definidoras do gênero feminino. Todas consideradas atributos para uma boa enfermeira, (GEOVANINI, 2002).

Os desafios surgem constantemente: são pacientes solicitando prescrições medicamentosas como se remédios fossem a solução para os problemas; são profissionais das mais diversas áreas ques-

tionando a atuação de uma enfermeira em consultório clínico e não na prestação de cuidados a pacientes hospitalizados. É a indagação constante de “como dar conta”, uma vez que para a mulher que se inseriu no mercado de trabalho restou a soma das atribuições (trabalho extra domiciliar, maternidade e administração doméstica). O homem não incorporou a divisão de obrigações; aquele que realiza alguma atividade espontaneamente o faz em tempos esporádicos e por curtos períodos sem que se sinta no papel de “obrigação” de companheiro ou pai.

Não muito tempo atrás, em minha infância (décadas de 1970, 1980), as mulheres lutavam por seus direitos civil, político e ideológico. Hoje já observamos a maior participação feminina de um modo geral nas diversas áreas; mas a que preço? E os valores entre feminino e masculino são dialogados igualmente? A mulher atual apresenta a mesma condição financeira, social, política que o homem?

Guedes (1995), citado por Santos (2012) nos situa três momentos importantes na história do movimento de mulheres no Brasil, entre eles o de 1989 até o momento atual, quando se busca refletir/discutir as relações entre o feminino e o masculino, uma vez que um não existe sem o outro. Instaurar o diálogo implica sair do gueto e se abrir ao mundo.

## Conclusão

Considera-se o “ser mulher” como um solo movediço, visto inter-relacionar-se na contemporaneidade com questões sociais carregadas de preconceitos. Existe uma liberdade exagerada para a utilização dos dispositivos, das mídias, dos bens de consumo, mas, ela também compõe o cenário contemporâneo de falta de liberdade de expressão feminina, por exemplo, a sexual.

Problematizar os modos de viver, integrar as mudanças que vivemos e dar vez a outras vozes do cenário contemporâneo continuam sendo caminhos a se buscar. Talvez ainda muito distantes, mas não por isso deixemos de tentar para que num futuro, ainda que distante, esses nossos questionamentos, essas problematizações por nós discutidas possam de fato deixar de estar às margens e realmente a mulher poderá vivenciar um papel de reconhecimento com todas as suas características ditas femininas (delicadeza, sensibilidade, cuidado), mas também as características ditas masculinas (força, determinação, saber o que quer) e, de fato, ter liberdade de escolhas para sua vida sem ser pré-julgada ou pré-condenada.

O objetivo é chamar a atenção para que as pessoas tenham:

um olhar mais sensível ao reconhecimento das diferenças, sejam elas de “raça”, gênero... discutirem formas de desigualdade, preconceitos e discriminação, como também apontarem saídas, no sentido de enfrentamento das suas condições de existência neste contexto, direcionadas para a utopia de uma sociedade menos desigual. (SANTOS, 2012, p. 144).

Soma-se a esse contexto a minha crença de que essa discussão pode ser um caminho para o empoderamento feminino.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo?: e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, 2009.

GEOVANINI, Telma [et al]. *História da enfermagem: versões e interpretações*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LOPES, Luiz P. de M. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

LOURO, Guacira L. *Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SANTIAGO, Silvano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG 2008.

SANTOS, Terezinha O. Mulheres negras, escolaridade, sexismo e subordinação: identidades expostas na sala de aula. *Pontos de Interrogação: Linguagens, identidades e letramentos*, – v. 2, n. 2, jul./dez. 2012.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.) *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_\_. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.